

## O ensino da reportagem na era da desinformação: construindo um novo olhar<sup>1</sup>

The teaching of reporting in the  
age of misinformation:  
towards a new approach

L'enseignement du reportage à  
l'ère de la désinformation:  
créer un nouveau regard

Recebido em: 31/05/2019

Aceito em: 05/12/2019

### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o lugar do ensino da reportagem no atual contexto de crise de credibilidade do jornalismo. Considera-se, aqui, a experiência na disciplina Teoria e Prática do Jornalismo, do 2º ano da graduação em jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (SP). Reconhecendo a emergência de fenômenos sociais como a hiperinformação, a desinformação e a infoxicação, defende-se a importância de refletir sobre as possibilidades de atuação do jornalismo profissional na contemporaneidade. Nesse sentido, as contribuições de Martin Baron e Tom Rosenstiel lançam um olhar renovado sobre o ensino da reportagem. Entendida como técnica e gênero, a reportagem é apresentada aos educandos como alternativa fértil para a investigação aprofundada e humanizada, o debate plural e a garantia social da veracidade, diferenciando-se num ecossistema de informações pouco críveis.

### PALAVRAS-CHAVE

Reportagem. Ensino do jornalismo. Desinformação. *Fake news*. Credibilidade.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the teaching of reporting in the current credibility crisis in journalism. It is considered, here, the experience in the course of Theory and Practice of Journalism, offered in the 2nd year of the undergraduate degree in journalism at Cásper Líbero College (SP). Recognizing the emergence of social phenomena such as hyperinformation, misinformation and infoxication, it is argued that it is important to analyse the possibilities of professional journalism in contemporary times. In this sense, the works of Martin Baron and Tom Rosenstiel shed light to a renewed perspective at the teaching of reporting. Understood as a technique and a genre, reporting is presented to students as a fertile alternative for deepened and humanized investigation, pluralism and the social guarantee of veracity, thus differentiating itself in an ecosystem of information that is, in most part, not credible.

### KEYWORDS

Reporting. Journalism teaching. Misinformation. *Fake news*. Credibility.

### RÉSUMÉ

Le but de cet article est de discuter la place de l'enseignement du reportage dans le contexte actuel de crise de crédibilité du journalisme. Il est considéré, ici, l'expérience dans le cours de Théorie et Pratique du Journalisme, offerte au 2e année de la licence en Journalisme au Casper Líbero College (SP). Reconnaissant l'émergence de phénomènes sociaux tels que l'hyperinformation, la désinformation et l'infoxication, il est important de réfléchir sur les possibilités du journalisme professionnel à l'époque contemporaine. En ce sens, les contributions de Martin Baron et Tom Rosenstiel ont un regard renouvelé sur l'enseignement du reportage. Compris comme une technique et un genre, le reportage est présenté aux étudiants comme une alternative fertile à la recherche approfondie et humanisée, au pluralisme et à la garantie sociale de la vérité, se différenciant en un écosystème d'information peu crédible.

### MOTS-CLÉS

Reportage. Enseignement du journalisme. Désinformation. *Fake news*. Crédibilité.

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (ENPJ), de 25 a 27 de abril de 2019 em Ponta Grossa (PR). Agradeço ao GP "Ensino de Ética e de Teorias do Jornalismo", em especial aos professores Dennis de Oliveira, Ivan Bonfim e Rafael Schoenherr pelas contribuições à presente versão.

## 1 INTRODUÇÃO

Pressões comerciais, corrida por audiência, tensões ideológicas, profissionalidade questionada. Num certo sentido, a história do jornalismo é uma história de crises, variando apenas os motivos a colocar em xeque contínuo a profissão. A mais recente delas, porém, assume contornos dramáticos. Oliveira (2014) assinala a perda do monopólio do jornalismo, no conjunto da sociedade, sobre as narrativas factuais. Movimentos de concentração financeira submetem o relato do real à lógica do entretenimento e do consumo. “Sai de cena a autoridade da fala do conhecimento (...) e entra a celebridade, cuja autoridade de fala é dada tautologicamente pela mídia – está na mídia porque é famoso e é famoso porque está na mídia.” (OLIVEIRA, 2014, p. 96). De amplificador do espaço da esfera pública, fiscalizador do poder e representante dos cidadãos – derivações da mitologia iluminista da atividade jornalística como esclarecimento –, o jornalismo se vê rebaixado pela espetacularização da realidade, transformando-se em coadjuvante da sociedade do espetáculo.

Somam-se a esse processo que se desenrola, segundo Oliveira (2014), desde a década de 1980, os recentes abalos causados pela disseminação de relatos enviesados, sensacionalistas, descontextualizados, fraudulentos ou simplesmente falsos. Agrupados no debate público sob a imprecisa denominação de *fake news*, jogam à lona a credibilidade do jornalismo<sup>2</sup>.

Em nível global, o Barometro Edelman 2019 (EDELMAN, 2019) mostra uma ligeira recuperação da credibilidade da mídia (de 44% para 47% entre 2018 e 2019). Mas é um nível baixo em relação às outras instituições avaliadas: governo (47% de confiança), empresas (56%) e ONGs (56%). No Brasil, a confiança na mídia é uma das mais baixas entre os 26 mercados pesquisados: 41%, queda de 13 pontos percentuais num intervalo de 3 anos.

A mesma pesquisa mostra, ainda, um enorme crescimento dos chamados usuários “amplificadores”, de alto engajamento com a informação, que consomem notícia pelo menos toda semana e que compartilham ou postam conteúdo diversas vezes por mês ou mais (EDELMAN, 2019, p. 51). Entre 2018 e 2019, o Barômetro registrou uma subida de 20 pontos percentuais (de 38% para 58%) nessa categoria entre os brasileiros.

É também crescente a importância dos novos *players* – jornalísticos ou não – como fontes de informação para as audiências, sobretudo as mais jovens. Analisando os chamados *millenials* (população entre 19 e 34 anos) no cenário norte-americano, o *survey* do Media Insight Project (2015) mostra que sete em cada 10 usuários do Facebook clica e lê regularmente conteúdo noticioso. Seis em cada 10 curte o conteúdo, 42% posta ou compartilha notícias regularmente e 34% têm o hábito de comentar. Apenas 11% dos usuários não relata nenhum desses comportamentos (MEDIA INSIGHT PROJECT, 2015, p. 26).

Vivencia-se, assim, um contexto de hiperinformação (ROMERO-RODRIGUEZ *et al.*, 2018). Segundo o monitor Internet Live Stats<sup>3</sup>, a web contava com 1,7 bilhões de

<sup>2</sup> Tendo o público norte-americano como objeto, o *survey* de Media Insight Project (2016, p. 28-29), aponta que o enviesamento e a falta de precisão são os principais fatores para o ceticismo em relação aos veículos de informação.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.internetlivestats.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

sites e 4,4 bilhões de internautas em dezembro de 2019. Todos potenciais produtores de informação, uma vez que quem consome também curte, comenta ou publica sua própria visão sobre fatos – junção sintetizada pelo futurista Alvin Tofler com o neologismo prosumidor (no inglês, *prosumer*).

Considere-se, ainda, as campanhas sistemáticas de determinados atores políticos para desacreditar a mídia tradicional. Avaliando os tuítes do presidente norte-americano Donald Trump, Ross e Rivers (2018, p. 1) apontam um uso retórico de expressões como *fake news* e *fake media*. Segundo os pesquisadores, Trump as utiliza como tentativa de desacreditar os relatos negativos e, ao mesmo tempo, posicionar-se como a única fonte confiável de informação. Seria uma estratégia de deflexão (responsabilização de outros por suas próprias culpas), uma vez que Trump pode ser classificado como distribuidor em série de desinformação (ROSS; RIVERS, 2018, p. 2).

As fronteiras entre o jornalismo profissional e outras formas de veiculação de informações evanesceram. Se a hiperinformação ajuda a contextualizar a situação no polo da produção, outro neologismo, infoxicação, auxilia a entender o contexto da recepção. A expressão de Romero-Rodriguez *et al.* (2018) é uma junção das palavras intoxicação e informação. Diante de um ecossistema informacional repleto de desinformação – na acepção de Fallis (2015, p. 401), “informação imprecisa que tem a intenção de enganar” –, estaríamos infoxicados, alimentados por informação de baixa qualidade para a construção de visões de mundo e a tomada de decisões cotidianas.

A situação estabelece desafios para o ensino de jornalismo. As radicais transformações exigem uma adaptação didático-curricular: o que ensinar e como auxiliar os futuros jornalistas a entender o novo contexto de produção/disseminação/recepção de notícias? Quais competências “clássicas” da profissão merecem ser reforçadas – e quais devem ser deixadas em segundo plano? Que novas habilidades podem ser adicionadas? A partir de quais referências, teóricas e práticas, seria possível iniciar um diálogo atualizado sobre a práxis da profissão?

O presente artigo defende a importância da renovação do ensino da reportagem como um dos caminhos para a superação da atual crise jornalística. A proposta, ensaística e exploratória, dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (MEC/CNE, 2013) à luz de um contexto em transformação, que não se apresentava quando da redação do documento original, em 2009, ou de sua homologação, em 2013. Defende-se que tal transformação não é episódica, mas estrutural, o que enseja, por sua vez, um repensar do ensino.

Por suas características de profundidade e vivacidade, o gênero reportagem se afigura como uma alternativa capaz de “descolar” a produção jornalística de um ecossistema informacional poluído, em que as pessoas estão intoxicadas de informação. As reflexões aqui contidas se alimentam da experiência deste pesquisador como professor da disciplina Teoria e Prática do Jornalismo, ministrada às turmas de 2º ano da graduação em jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Em termos conceituais, somam-se à bibliografia tradicional para o ensino da disciplina os *insights* de Tom Rosenstiel e Martin Baron, renomados jornalistas que nos oferecem teorizações sobre a prática como alternativas que vêm ao encontro do avanço da atuação profissional.

## 2 O ENSINO DA REPORTAGEM

Em sua lista de competências gerais, cognitivas e pragmáticas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (MEC/CNE, 2013) mencionam diversos aspectos relacionados ao ensino da reportagem. É possível contextualizá-la em termos históricos, levando a “conhecer a história, os fundamentos e os cânones profissionais do jornalismo”, discuti-la enquanto técnica, auxiliando o domínio de “metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição”, e apresentá-la como gênero, levando o educando a “conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos”. A visão holística, assim, propicia o reconhecimento da importância, inerente à profissão, de uma produção que vise “o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade.” (MEC/CNE, 2013, online).

### 2.1 A REPORTAGEM NA HISTÓRIA

A bibliografia consagrada ajuda a marcar a importância da reportagem entre os paradigmas do texto jornalístico. Lage (2001, p. 9) situa o discurso retórico, usado para a exaltação do Estado ou da Igreja, como marco fundante do jornalismo no século 17. Com a narrativa em segundo plano, empregada apenas para o registro de eventos fictícios ou alegóricos, predominava um tom parecido ao dos discursos e proclamações. Do jornalista se esperavam orientações ou interpretações, ficando a linguagem dominante entre “a fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso” (LAGE, 2001, p. 11).

A Revolução Industrial e a universalização da escolarização na Europa e nos Estados Unidos do século 19 ampliaram o público leitor em potencial. Para se aproximar de uma cultura de matriz popular, o estilo jornalístico foi se modificando, abandonando progressivamente uma retórica grandiloquente em favor de um estilo mais objetivo. Lage (2001) enxerga um duplo papel para o jornalismo de então: educador e sensacionalista. De um lado, ensinava às pessoas o que ler, ver e como se vestir; de outro, carregava nas tintas da emoção para cobrir a nascente sociedade do espetáculo, exibindo os bons e – “para escândalo geral” – os maus hábitos dos ricos e poderosos. “A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser.” (LAGE, 2001, p. 15).

A passagem para o século 20 trouxe a reação contra o jornalismo sensacionalista ou “amarelo”. A criação dos primeiros cursos de jornalismo apresentou a pesquisa acadêmica como padrão para o estabelecimento de boas práticas de apuração e escrita. Em lugar de proclamas ou relatos quasifissionais, uma profissionalização nascente estabelecia que a informação jornalística

(...) deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (...); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações, e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo. (LAGE, 2001, p. 19)

Em termos de linguagem, a notícia como gênero ganha sua modelagem moderna, com a valorização dos aspectos mais relevantes de um relato sublinhados por

construtos como o lide (resumo das circunstâncias do fato relatado) e a pirâmide invertida (maior detalhamento para as características tidas como essenciais ao texto). “Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística.” (LAGE, 2001, p. 19).

### 2.2 A REPORTAGEM COMO TÉCNICA

A reportagem como técnica se desenvolve como um conjunto de procedimentos de apuração, aferição e depuração dos fatos que serão transformados em relatos jornalísticos. O mais intuitivo deles – e, possivelmente, o menos sistematizado – é o testemunho. Num registro pragmático, Clóvis Rossi (prefácio a DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990) define reportagem como a técnica de contar boas histórias e o repórter como “certamente a única função pela qual vale a pena ser jornalista” (prefácio a DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 9). Exaltando Audálio Dantas – “um jornalista do tempo em que se praticava a arte de sujar os sapatos” –, Moraes (prefácio a DANTAS, 2012, p. 13) defende a relevância da apuração presencial “em uma época como a nossa, em que páginas e páginas de jornais são preenchidas diariamente com reportagens feitas por telefone ou por e-mail”. Rossi se une à celebração da “rua” – entendida, segundo o autor, em sentido amplo –, afirmando que é nela que ocorre a história, nunca na redação de um jornal (prefácio a DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 9).

Conforme Lage (2001), a presença *in loco* é a melhor forma de ordenação das informações e de sua hierarquização, “uma vez que o repórter sente o *clima* do que acontece, compreendendo como as pessoas reais envolvidas nos acontecimentos percebem, se envolvem e reagem ao desenrolar dos fatos” (LAGE, 2001, p. 27, itálico no original). É possível, porém, superar descrições genéricas e algo romantizadas, que dão ao educando a impressão do testemunho como atividade quase a-procedimental. Recorrendo à teorização da práxis jornalística, Baccega (2000) nos lembra que o repórter é a primeira mediação entre o fato e o relato. O caráter subjetivo da experiência de “testemunha ocular da história”, no entanto, não deve obliterar a busca pela objetividade possível – é o que defendem diversos manuais de estilo, como o da Folha de S. Paulo (MANUAL, 2001). A função social da profissão, ainda que esteja em crise, também merece ser destacada nesse contexto. “[O repórter] tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante.” (LAGE, 2001, p. 23).

Ao lado do testemunho, o trabalho de pesquisa em fontes documentais é comumente apresentado às turmas como um dos pontos de partida da apuração jornalística. Num certo sentido, o “reverso da rua” é, na realidade, seu complemento indispensável. Segundo Lage (2001), um bom trabalho de pesquisa permite selecionar boas fontes primárias, preparar-se adequadamente para a interação com elas e definir os melhores enfoques para o texto final. “Embora reze a máxima de que reportagem se faz na rua, um bom texto final nasce geralmente de um trabalho detalhado de pesquisa longe do teatro dos acontecimentos.” (LAGE, 2001, p. 66).

Chega-se, enfim, ao terceiro procedimento de apuração, a entrevista, cujo uso na construção de reportagens comporta especificidades que devem ser exploradas com os educandos. Cabe mostrar a relevância de, como diz Lage (2001, p. 57), qualificar-se como interlocutor válido – aquele que partilha de um repertório comum com o entrevistado e se posta diante dele como um profissional da informação, não como subordinado ou inquisidor.

A necessidade de aprofundamento da reportagem exige que se vá além dessa postura padrão. A contribuição essencial de Medina (1986) aborda a transformação da entrevista em diálogo. Distinguindo em tipologia o diálogo de outros tipos de entrevistas – denominadas de entrevista-rito e entrevista anedótica –, Medina afirma que o diálogo vai além da técnica. Sua intenção não é espetacularizar o indivíduo, mas compreendê-lo, por meio de um processo em que entrevistador e entrevistado colaboram para trazer à tona uma verdade sobre sua biografia ou sobre um tema relevante:

Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o diálogo possível. (MEDINA, 1986, p. 7)

Entendimento semelhante é encontrado em Agnès (2008). Em seu *Manuel de Journalisme*, a entrevista perfeita é conceituada como aquela em que o entrevistador permite ao entrevistado ir mais longe em sua análise, no aprofundamento de sua opinião, em seu olhar sobre si mesmo (AGNÈS, 2008, p. 278). Brum (2017) ressalta a importância da escuta, atribuindo ao “saber escutar” um valor superior ao “saber perguntar” (BRUM, 2017, p. 36). Ao celebrar o imprevisível do encontro entre repórter e entrevistado, posiciona-se contra a entrevista-ritual:

Escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam. Escutar é não induzir as pessoas a dizer o que gostaríamos que dissessem. A reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo novo que não planejávamos. É pela escuta que vem o novo. (BRUM, 2017, p. 35)

### 2.3 A REPORTAGEM COMO GÊNERO

Aos olhos de um aspirante a jornalista, o que diferencia uma reportagem de uma notícia ou de um artigo de opinião? Segundo Marques de Melo *et al.* (2012, p. 83), muitos leitores, alguns autores e até profissionais optam por uma indissociação típica do senso comum, identificando qualquer unidade textual pela nomenclatura “artigo”. O recurso à noção de gênero jornalístico evita o simplismo. No campo da pesquisa, há uma clivagem no entendimento do conceito. De uma perspectiva que classifica os tipos de texto conforme suas propriedades linguísticas, Chaparro (2008, p. 122) define gênero como a existência de uma essência comum entre espécies de textos (o que pressupõe, por decorrência lógica, a oposição entre gêneros-base: o comentário e o relato). Optando por um agrupamento orientado pela função do texto na relação imprensa/leitor, Marques de Melo e Assis (2010, p. 35) definem gênero

como unidades de mensagem determinadas pela estrutura composicional e traços de estilo, que se desdobram em unidades menores chamadas formatos.

Entendida como gênero ou um de seus derivados, a reportagem pode receber diversas definições. Na acepção poética de Brum (2017, p. 14), é documento da história cotidiana, vida contada, testemunho. Na brevidade pragmática do “Manual de Estilo da Folha de S. Paulo”, reportagem é um tipo de gênero jornalístico que “traz informações mais detalhadas sobre notícias, interpretando os fatos; é assinada quando tem informação exclusiva ou se destaca pelo estilo ou pela análise.” (MANUAL, 2001, p. 71-72).

Num registro mais acadêmico, as incontornáveis classificações de Marques de Melo (1994) e de Chaparro (2008) reservam à reportagem posicionamentos distintos em suas tipologias. Marques de Melo insere o gênero na área de jornalismo informativo (opondo-se ao jornalismo de opinião), sendo mais complexo que seus congêneres nota e notícia. Define-a como “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES DE MELO, 1994, p. 66). Para Chaparro (2008), a reportagem seria uma “espécie narrativa” dentro do gênero relato (que se opõe ao gênero comentário), sendo definida como “o relato jornalístico que expande a notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla a atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência.” (CHAPARRO, 2008, p. 125).

Recorrendo ao dicionário Petit Robert, Agnès (2008, p. 256) define reportagem como texto ou conjunto de textos em que um jornalista relata de maneira viva o que viu e ouviu. O autor se detém na parte final da definição dicionaresca para marcar a diferença do gênero reportagem com o gênero notícia. “Relato” significa que a reportagem reconta o concreto, os fatos, os lugares, as cenas, os propósitos e motivações; “de maneira viva” opõe-se ao tratamento estrito da informação: a reportagem deve fazer viver uma realidade; “o que viu” pois o olho é a primeira ferramenta de um repórter, por meio da qual ele põe em cena o que testemunhou; por fim, “o que ouviu” porque traz as pessoas que vivem a realidade – o que eles sabem, o que pensam, o que veem pode ser até mais importante do que a situação da qual eles participam.

A esta altura, afigura-se oportuno desfazer um mal-entendido comum entre os educandos, que não raro entendem reportagem como sinônimo de jornalismo literário. O chamado à superação das noções estruturantes da notícia, como lide e pirâmide invertida, pode soar como um convite à utilização de técnicas literárias para o relato da realidade. Com efeito, o novo jornalismo dos anos 1960 apontou nesse caminho, na esteira da constatação de que a objetividade que se persegue não pode ser atingida por inteiro (LAGE, 2001, p. 140).

Embora o uso de recursos estilísticos como descrições físicas e psicológicas, construção cena a cena, detalhamento da ação, diálogos etc. seja bem-vindo para cativar o público leitor, cabe questionar a relação do jornalismo com a literatura. O compromisso inquebrantável com a não-ficção aponta como “padrão ouro” a precisão dos relatos. Lage ressalta que “a consistência extrema que se espera da literatura implica dispor de dados subjetivos, por definição não alcançáveis pela observação direta.” (LAGE, 2001, p. 141). Recursos como o monólogo interior ou a estruturação

de uma reportagem como um romance de três atos, por exemplo, podem ser problematizados à luz dessas constatações.

### 3 POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DA REPORTAGEM

Do exame canônico da reportagem na história, como técnica e como gênero emerge a reiteração de suas potencialidades. A profundidade e a vivacidade ou humanização surgem como distinções vantajosas, potenciais aliadas na tarefa de recuperar a relevância e a credibilidade do discurso jornalístico contemporâneo.

O cenário de infociação é marcado pela indissociação entre a informação de qualidade e a desinformação. Designando os receptores como analfanautas (junção de internautas e analfabetos), Romero-Rodriguez *et al.* (2018, p. 76) afirmam que as audiências não estão em condições de separar o joio do trigo, sendo vítimas propiciatórias do fenômeno da infociação – ao mesmo tempo que são os maiores atingidos, são também impulsionadores do fenômeno, uma vez que consomem, por vezes, com avidez, conteúdos de baixa qualidade:

Nace así era de la ‘infocación’ en la que se le da a la audiencia el contenido que ésta desea – generalmente de infoentretenimiento – com el fin de asegurar cuotas de publicidade, a la vez que los propios receptores son incapaces de realizar um correcto filtrado de las informaciones, aceptando como ciertas aquellas que incluso son contrarias a otras que ya han aceptado como verdadeiras. Parece entonces que hemos llegado a comprender que la desinformación es una situación estructural del ecosistema mediático y que las audiencias, paradójicamente, emergen como víctimas propiciatórias de este fenómeno. (ROMERO-RODRIGUEZ *et al.*, p. 74-75)<sup>4</sup>

23

Se concordarmos com o caráter estrutural da infociação, é forçoso reconhecer que muitos educandos podem estar imersos nessa lógica. Considerando ainda a contribuição de Media Insight Project (2015) de que *millenials* têm nas redes sociais importantes fontes de informação – e que as mesmas estão no centro do fenômeno da infociação –, é oportuno trabalhar competências voltadas à alfabetização midiática, fortalecendo, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, a competência de “distinguir entre o verdadeiro e o falso a partir de um sistema de referências éticas e profissionais.” (MEC/CNE, 2013). Um trabalho na criação de dietas informacionais<sup>5</sup> saudáveis pode ser feito, por exemplo, com a reflexão sobre o uso consciente das redes sociais.

Técnica e gênero podem também ser refinados por um duplo caminho de retorno aos cânones e de atualizações da práxis para dar conta do novo cenário. As

---

<sup>4</sup> Tradução do autor: Nasce assim a era da ‘infociação’, na qual a audiência recebe o conteúdo que deseja – geralmente de infoentretenimento – a fim de garantir cotas de publicidade, ao mesmo tempo em que os próprios destinatários são incapazes de realizar uma filtragem correta de informação, aceitando como certas aquelas que são até contrárias a outras que já aceitaram como verdadeiras. Parece então que chegamos a compreender que a desinformação é uma situação estrutural do ecosistema mediático e que as audiências, paradoxalmente, emergem como vítimas propiciatórias desse fenômeno.

<sup>5</sup> Conceito proposto por Clay Johnson, no livro “*The Information Diet*”, para designar o consumo consciente de informações (Johnson, 2015).



contribuições de dois profissionais de destaque, Martin Baron e Tom Rosenstiel, iluminam recomendações nesses dois sentidos.

Jornalista multipremiado, Baron é provavelmente a figura de maior proeminência no universo do jornalismo norte-americano contemporâneo. Retratado no filme “*Spotlight*” (2015) como chefe da cobertura que revelou um escândalo de pedofilia na Igreja Católica de Boston, Baron dirige hoje o Washington Post. Sua gestão tem sido marcada pela defesa do jornalismo profissional e pela aposta de que o jornalismo “honesto e justo” vai ser validado socialmente no longo prazo. Já Rosenstiel tem uma trajetória de 30 anos como crítico do Los Angeles Times. Coautor do clássico “Elementos do Jornalismo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004) e ocupando a direção executiva do American Press Institute, tem dedicado parte de suas reflexões a investigar caminhos para que a imprensa possa enfrentar a crise de credibilidade dos últimos anos.

É dele o alerta que os jornalistas precisam entender que o novo contexto informacional, marcado pela ascensão das *fake news* e pela concorrência com outros tipos de informação, muitos dos quais não-jornalísticos, é estrutural e não episódico. Nesse cenário, fazer um bom trabalho é apenas o primeiro passo numa sequência de desafios:

The challenges before repertorial journalism today – fake news, misinformation, confirmation bias, manipulative political leaders – are not problems you fix and then forget like a leaky pipe. They are conditions with which you contend perpetually, like crime. And such conditions require constant change and evolution. (ROSENSTIEL, 2016, online)<sup>6</sup>

24

De Baron vem a sugestão de “volta ao básico”, identificando notícia, opinião e análise para que os leitores possam entender a diferença. Considerando que parte da desinformação deriva de incompreensão da audiência (TANDOC JR *et al.*, 2018), trata-se de uma medida de letramento midiático, implementada pelo Washington Post na internet, com a possibilidade de hipertexto apresentando a definição de cada uma das classificações. Rosenstiel apresenta opinião semelhante. Enfocando as situações mais comuns de consumo midiático na atualidade, o autor afirma:

Inside our mobile streams, as we click through related links, news stories and opinion stories are mixed. And on social platforms, all content is combined. Journalists need to help readers make these distinctions, not give up on them because they are not as clean cut as they once were. (ROSENSTIEL, 2016, online)<sup>7</sup>

Do ponto de vista dos educandos, tal enfoque ressalta que, embora todos os gêneros sejam compostos por unidades de informação e opinião (CHAPARRO, 2008),

---

<sup>6</sup> Tradução do autor: Os desafios atuais do jornalismo repertorial – notícias falsas, desinformação, vies de confirmação, líderes políticos manipuladores - não são problemas que você conserta e depois esquece, como reparar um cano furado. São condições com as quais você luta perpetuamente, como o crime. E tais condições exigem mudança e evolução constante.

<sup>7</sup> Tradução do autor: Dentro dos nossos fluxos em smartphones, quando clicamos em links relacionados, notícias e opinião são misturadas. E nas plataformas sociais, todo o conteúdo é combinado. Os jornalistas precisam ajudar os leitores a fazer essas distinções, e não desistir deles porque eles não são tão ‘limpinhos’ quanto antes.

a finalidade discursiva de cada um deles deve ser respeitada. A reportagem, como se sabe, pertence à área do relato, na classificação de Chaparro (2008) ou do jornalismo informativo, conforme Marques de Melo (1994).

A renovação da técnica merece ser contemplada desde o processo de seleção de pautas e enquadramentos. Tendo como pano de fundo o governo Trump e seu comportamento de tuiteiro atávico, Rosenstiel (2016) convida os jornalistas a cobrir o que é importante, em vez de “latir para qualquer carro”. O jornalismo como cão-de-guarda (*watchdog*) necessita de foco, e as estratégias discursivas diversionistas ou de deflexão levadas a cabo por Donald Trump (ROSS; RIVERS, 2018, p 2-3) prejudicam os trabalhos de investigação e vigilância do poder. Nesses casos, Rosenstiel aconselha, é mais importante prestar atenção ao que os governantes fazem do que ao que eles dizem (ROSENSTIEL, 2016, online).

Nesse aspecto, é válido abordar as restrições existentes, no contexto brasileiro, para o acesso a documentos públicos, que podem prejudicar o andamento de trabalho de reportagens investigativas ou interpretativas. A regulamentação da Lei de Acesso à Informação (LAI) torna-se, assim, uma atualização necessária aos programas de ensino de reportagem. Procedimentos básicos, como o texto da lei, tutoriais para a realização de pedidos, acompanhamentos de requisições e redação de recursos no caso de pedidos negados surgem como competências relevantes à formação dos futuros jornalistas brasileiros<sup>8</sup>.

Em termos de marcas estilísticas – entramos, portanto, no terreno dos observáveis da reportagem como gênero –, Rosenstiel (2016) reivindica uma “diminuição de tom”. A estridência e a agressividade observada em boa parte da produção jornalística contemporânea, diz ele, é contraproducente: pode levar ao aumento da desconfiança do público, que alimentará suspeitas de enviesamento do noticiário, e corroborar a retórica de determinados políticos que classificam a mídia como oposição. Ilustrando a ideia com uma metáfora, o autor afirma: “The way to elevate factual reporting is to build the facts into a self-evident citadel that cannot be assaulted, not to adorn the citadel with flagrant slogans.”<sup>9</sup> (ROSENSTIEL, 2016, online).

Outra requisição que a contemporaneidade faz à reportagem como gênero diz respeito aos reenquadramentos possíveis de formato. Ao receber o Prêmio Gabriel García Márquez de jornalismo, Baron (2016) afirma que relatos longos podem atrair leitores, mas que é preciso explorar a escrita e outros formatos levando em conta as formas como as pessoas consomem informação hoje. Em entrevista à Folha de S. Paulo, Baron explica que a conceituação nasceu de um aprendizado pessoal:

[Ao chegar ao Washington Post, em 2012], vi que os jornalistas que estavam trabalhando mais com as plataformas digitais estavam tendo mais êxito em atrair os leitores do que os tradicionais. E passei a estudar o que faziam melhor. Sua narrativa era outra, seu modo de apresentar as histórias, seu estilo, seus títulos eram diferentes. (COLOMBO, 2016, online)

<sup>8</sup> O portal governamental <<http://www.acessoinformacao.gov.br/>> e o site de jornalismo de dados <<http://www.fiquemsabendo.com.br/>> são pontos de partida recomendáveis para um trabalho introdutório com a LAI.

<sup>9</sup> Tradução do autor: A maneira de elevar a reportagem factual é construir os fatos em uma cidadela autoevidente que não pode ser atacada, não adorna a cidadela com slogans flagrantes.

Para o autor, “novas e poderosas” ferramentas podem ser exploradas sobretudo pela nova geração de jornalistas, “verdadeiros nativos digitais”, para encontrar “caminhos altamente efetivos para contar histórias.” Nesse sentido, Rosenstiel (2016) sugere a adição de quadros-resumo com os elementos fundamentais da reportagem: qual a novidade? Quais as evidências? Quem são as fontes? E assim por diante.

Finalmente, há um feixe de transformações que aponta para a imbricação entre técnica e gênero. Forma e conteúdo constituiriam um todo renovado, referenciado na ética, por meio da substituição da ideia de objetividade pela de transparência, para Rosenstiel (2016), e de honestidade e honra para Baron (LAKSHMANAN, 2017). Enquanto Baron advoga pela diminuição da onisciência em favor de um relato mais pessoal e humilde, Rosenstiel sugere revelar ao leitor o “esqueleto” da reportagem: o que se descobriu, como se descobriu e o que falta descobrir. Baron propõe algo semelhante ao propor links para documentos originais, entrevistas em áudio e outros registros de apuração à disposição do leitor (LAKSHMANAN, 2017).

#### 4 APONTAMENTOS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA

É oportuno enumerar repercussões desta reflexão ensaística na experiência didática que a inspirou. A ementa da disciplina Teoria e Prática da Reportagem vem sendo ajustada ao longo de três anos. A seguir, elencam-se apontamentos acerca de aspectos de avanço e desafios que ainda precisam ser contemplados:

- **Diversificação de subgêneros** Incluiu-se o estudo e a prática de subgêneros da reportagem que privilegiam os aspectos de humanização e interpretação, que entendemos serem as duas principais virtudes comparativas do gênero reportagem em relação ao gênero notícia. Na versão em vigor no ano de 2019, contemplaram-se os subgêneros crônica jornalística, memória, perfil, entrevista em profundidade, reportagem humanizada e reportagem interpretativa.

- **Aprimoramento do testemunho** A valorização de diferentes possibilidades de textualização a partir da presença *in loco* passou a ser trabalhada em exercícios de percepção sensorial. Em uma das atividades, os educandos transitam por diferentes locais do entorno da faculdade com a missão de coletar informações – sem a realização de entrevistas – para a construção de cenários, personagens e do clima da ação mencionado por Lage (2001).

- **Recursos da ficção a serviço da não ficção** Descrições ambientais e psicológicas, diálogos, construção cena a cena, *flashbacks* e uso de suspense são alguns dos recursos incentivados nos processos de redação e edição. Estimula-se, sobretudo, a burilagem estilística dos abres e dos finais de reportagem – reescritos sucessivamente, a fim de se tornarem mais atrativos e ampliados em relação ao formato noticioso clássico.

- **Multiplidade de fontes** Inspirando-nos em Lage (2001), decidimos que as reportagens produzidas para a disciplina devem ter um limite mínimo de três fontes primárias. A multiplidade de fontes é exigida como indicador básico de pluralidade no relato e marcador de credibilidade, diferenciando-o no ecossistema informativo infocicado. No caso de temas controversos, o requisito é de fontes múltiplas e, necessariamente, contraditórias.

- **Humanização da entrevista** A valorização da escuta e a busca do diálogo é foco do trabalho com entrevistas. Uma seleção a partir da obra dos cineastas Eduardo Coutinho, com trechos dos filmes *Edifício Master* (2002), *Peões* (2004) e *Últimas Conversas* (2015), João Moreira Salles, com trechos de *Santiago* (2007) e *Futebol – Parte 3* (1998), e João Jardim, com trechos de *Pro Dia Nascer Feliz* (2005), é apresentada para apreciação crítica das técnicas de entrevista dos documentaristas e dos resultados obtidos. Adicionalmente, um exercício prático convida os alunos a entrevistar seus próprios colegas com uma única pergunta, sem a possibilidade de interrupção.

- **Limitações à opinião** Um dos trabalhos mais recorrentes é a revisão criteriosa, durante os processos de reescrita, de passagens claramente opinativas nos textos. Reforça-se ao alunado a vinculação do gênero reportagem ao jornalismo informativo (MARQUES DE MELO, 1994). Opiniões, quando houver, devem preferencialmente estar na fala das fontes que compõem a reportagem.

- **Reflexão sobre objetividade** Os alunos são convidados a repensar a ideia de objetividade como imparcialidade/equidistância. Concordando com Brooks *et al.* (2014, p. 408): “If the facts are there, drawing the obvious conclusions is not editorializing. It is good and helpful writing.”<sup>10</sup>

- **Reflexão sobre dietas informacionais** Ressaltam-se dois pontos: os benefícios dos tempos de desconexão, afastando-se do imediatismo interpretativo que Romero-Rodríguez *et al.* (2018) identificam como ingrediente da infoxicação, e a curadoria de *timelines* das redes dos próprios educandos, por meio de recursos como “ver primeiro” no Facebook, e a criação de listas de interesse no Twitter, privilegiando informação confiável e focada nos interesses pessoais ou profissionais de cada educando.

- **Divulgação para públicos reais** O eixo de prática laboratorial das DCNs recomenda a circulação das produções jornalísticas em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais (MEC/CNE, 2013). Encontra-se nesse ponto a principal lacuna da disciplina, que não está atrelada a nenhum dos órgãos laboratoriais da instituição. Como alternativa para superar essa dificuldade, instituiu-se a obrigatoriedade de que todas as produções sejam submetidas por seus autores como sugestão de pauta a veículos da imprensa aderentes à temática abordada. Até o momento, os resultados são tímidos, com poucos aceites efetivos de publicação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, a comissão de especialistas encarregada do documento previu, entre as competências gerais, atributos que apontavam para o futuro da profissão: “pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos” e “procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais” (MEC/CNE, 2013). O que não poderiam prever, como provavelmente ninguém pudesse, é que os desafios a superar fossem da natureza e da magnitude hoje apresentados.

---

<sup>10</sup> Tradução do autor: Se os fatos estão lá [no relato], tirar conclusões óbvias não é editorializar [a reportagem]. É uma escrita boa e útil.

Em crise aguda de credibilidade, o jornalismo exige de seus atuais e futuros profissionais inventividade para combater a hiperinformação, a desinformação e a infoxicação. Por meio do enfoque no ensino da reportagem, buscou-se apontar caminhos de como a formação em jornalismo pode se desenvolver para estar à altura da tarefa.

Vistas em conjunto, as modificações apontam para a construção do olhar diferenciado do repórter, habilitando o educando a produções que apontem no sentido da humanização e da interpretação. Procurou-se evidenciar como uma mescla de retomada aos saberes canônicos e de inovações em termos procedimentais e estilísticos auxilia a diferenciar a reportagem enquanto gênero dentro de um ecossistema informativo de baixa qualidade. Potente por suas características procedimentais e por suas marcas de gênero, a reportagem renovada para o século 21 se apresenta como uma alternativa no sentido de reconduzir, progressivamente, o discurso jornalístico a seu mandato social de “ser os ouvidos e os olhos do público”.

## REFERÊNCIAS

AGNÈS, Y. **Manuel de journalisme: écrire pour le journal**. La Découverte, 2008.

BACCEGA, M. A. Mediação Organizativa: O Campo da Produção. **Comunicação & Educação**, n. 17, p. 7-16, 2000.

BARON, M. *Speech by Martin Baron, editor to The Washington Post*. Gabriel García Márquez Journalism Award, 2016. Disponível em: < <https://premioggm.org/2017/03/speech-by-martin-baron-editor-to-the-washington-post/> >. Acesso em: 11 mar. 2019.

BROOKS, B. S.; KENNEDY, G.; MOEN, D. R.; RANLY, D. **News reporting and writing**. Boston/New York: Bedford/St. Martin's, 2014.

BRUM, E. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2017.

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2008.

COLOMBO, S. **As pessoas esperam que as notícias venham até elas, diz editor do 'Washington Post'**. Folha de S. Paulo, 2016.

DANTAS, A. **Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Leya, 2012.

DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

EDELMAN. 2019 Edelman Trust Barometer. 2019. Disponível em: < [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2019-03/2019\\_Edelman\\_Trust\\_Barometer\\_Global\\_Report.pdf?utm\\_source=website&utm\\_medium=global\\_report&utm\\_campaign=downloads](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2019-03/2019_Edelman_Trust_Barometer_Global_Report.pdf?utm_source=website&utm_medium=global_report&utm_campaign=downloads) >. Acesso em: 11 mar. 2019.

FALLIS, D. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

JOHNSON, C. A. **The information diet: A case for conscious consumption**. Sebastopol: O'Reilly Media, 2015.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber eo público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAKSHMANAN, I. A. R. **Marty Baron: Fair and honest reporting 'will be validated over the long run'**. Poynter Institute 2017.

MANUAL. **Manual da Redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F.; LAURINDO, R. **Gêneros Jornalísticos - Teoria e Práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. D. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MEC; CNE. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013 - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências, Brasília, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MEDIA INSIGHT PROJECT. *A New Understanding: What Makes People Trust and Rely on News*. Arlington, 2016. Disponível em: <<http://www.mediainsight.org/PDFs/Trust/TrustFinal.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

MEDIA INSIGHT PROJECT. *How Millennials Get News: Inside the Habits of Americas First Digital Generation*. Arlington, 2015. Disponível em: <<http://www.mediainsight.org/PDFs/Millennials/Millennials%20Report%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2019

MEDINA, C. D. A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, D. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação**. Uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire. Tese de livre-docência. São Paulo: ECA/USP, 2014.

ROMERO-RODRIGUEZ, L.; DE-CASAS, P.; PEDREIRA, M. Desinformación e Infoxicação en las cuartas pantallas. In: (Ed.). **Competencias mediáticas en medios digitales emergentes**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2018, p.73-92.

ROSENSTIEL, T. *What the post-Trump debate over journalism gets wrong*. Brookings.edu, 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/what-the-debate-over-journalism-post-trump-gets-wrong/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

ROSS, A. S.; RIVERS, D. J. *Discursive Deflection: Accusation of "Fake News" and the Spread of Mis- and Disinformation in the Tweets of President Trump*. **Social Media+ Society**, v. 4, n. 2, p. 12, 2018.

TANDOC JR, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. *Defining "fake news": a typology of scholarly definitions. Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.